

A Rev. do Pequeno Jornal

Recife

TENTAMEN

JORNAL SCIENTIFICO, LITTERARIO E CRITICO

Publicação quinzenal

C'est une tentative.... Rien de plus.

V. HUGO.

51-2145

ANNO 1

Fortaleza—29 de Novembro de 1891

NUM. 3



EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

Um anno.	5\$000
Um semestre	3\$000
Um mez.	500

Fóra do Estado não se acceptam assignaturas rmenos de seis mezes.

Pagamento adiantado.

REDACTORES

Antonio Freitas, Maya Conde e Vasconcellos Araujo.

ESCRITORIO DA REDACÇÃO

RUA DO SAMPAIO N. 9

TENTAMEN

Fortaleza, 28 de Novembro de 1891

No phase actual quando todos os espiritos acham-se preocupados com os factos politicos que se succedem de sul a norte no nosso paiz o *Tentamen* alheio a todas essas politicagens odientas e odiosas apresenta-se na arena do jornalismo pedindo aos seus leitores um pouco de condescendencia para com os seus collaboradores.

Um jornal litterario na crise actual em que as letras são tratadas com o maior indifferentismo sabemos que é uma difficuldade palpavel se não uma quasi temeridade.

E' por isso que hoje, timidos e vacillantes vimos de novo apresentar ao concurso

publico o nosso modesto jornal que si nada pode fazer para engrandecer o mundo litterario será uma pedra para o grande alicerce do sumptuoso e monumental edificio das letras patrias.

Isto será para nós, comtudo, grande recompensa.

O mundo civilisado é uma grande sala de doentes que pejam a atmosphaera com seus gemidos dolorosos e extorsem-se flagellados por todas as especies de soffrimentos.—MAX NORDAU.—

OS PRIMEIROS HOMENS

(TRAD. DE E. NOEL)

Os primeiros homens testemunhas dos movimentos convulsivos da terra, ainda recentes e muito frequentes, não tendo senão as montanhas para asylos contra as inundações, muitas vezes, expulsos d'estes mesmos asylos pelo fogo dos vulcões, tremulos sobre uma terra que tremia sob seus pés, expostos ás inclemencias de todos os elementos, victimas do furor dos animaes ferozes, os quaes não podiam evitar; todos igualmente penetrados do sentimento commum de um terror funesto, todos igualmente perseguidos pela necessidade, trataram de reunir-se, ao principio para defenderem, depois para auxiliarem-se e trabalharem de accordo para fazerem um domicilio e armas.

Começaram por fazer machados d'estas pedras brutas, d'estas *pedra de raio*, que elles criam cahidas das nuvens e forma-

das pelo trovão, e que todavia não são senão os primeiros monumentos da arte do homem no estado de pura natureza. Tiraram fogo d'estas mesmas pedras batendo umas contra as outras, lançaram mão da chamma dos vulcões, ou aproveitaram o fogo de suas lavas ardentes para communicar-o. Com o auxilio do fogo limpavam os terrenos que queriam habitar; com o machado de pedra, cortaram as arvores, fizeram objectos de madeira, poliram suas armas e os instrumentos de primeira necessidade. Depois de munirem-se de clavas e outras armas pezadas e defensivas, estes primeiros homens trataram de fazer armas offensivas mais leves, para attingir ao longe. Um nervo, um tendão de animal, filamentos de alves, ou a casca flexivel de uma planta linhara, lhes serviam de corda para reunir as duas extremidades de um ramo elastico do qual fizeram seu arco; aguçaram pequenas pedras para armar sua flexa. Depois construíram redes, jangadas, camas, e formaram pequenas nações compostas de algumas familias, ou antes de descendentes de uma mesma familia, como vemos ainda hoje entre os selvagens, que persistem em ser selvagens, e que podem, nos logares onde o espaço livre não lhes falta, assim como a caça, o peixe e as frutas.

Mas onde o espaço ficou cercado pelas aguas, ou rodeado de altas montanhas, estas pequenas nações tornando-se muito numerosas, foram forçadas a partilhar seu terreno entre si; e foi d'este momento em diante que a terra tornou-se o dominio do homem; elle apoderou-se da cultura por meio do trabalho, e o amor á patria seguiu aos primeiros actos de sua propriedade. O interesse particular fazendo parte do interesse nacional, a ordem, a policia e as leis appareceram, e a sociedade tornou consistencia e força.

L. V.

A hypocrisia é a força dos cobardes.—
LUIZ LACOMBE.—

As metamorphoses são as operações mais delicadas da natureza—JOAQUIM NABUCO.—

Viver sem ruido, consola de viver sem gloria.—JEAN DOLENT.—

SERENATA

Meu coração—pobre monge
Enclausurado em meu peito—
Sente um grato e extranho effeito
D'aquella musica ao longe....

Musica doce e saudosa
Que pelos ares resôa
Como uma voz languorosa
Ao som de um modilho á tóa.

Modilho que ternamente
Por alta noite esvoaga
Casando-se ao indolente
Sopro da briza que passa.

Briza sonora que a medo
Sobre as arvores ciciando
Parece vir murmurando
De namorados—segredo.

Segredo mago que todo
Pela minh'alma palpita
Suave, do mesmo modo
Porque uma oração é dita.

Oração que est'alma envia,
Ao acaso, ao meu porvir
Para que eu veja em um dia
Meu doce ideal surgir.

Meu ideal por quem sinto
Penhorado o meu destino
Como um pobre peregrino
Que segue seu firme instincto.

Instincto que faz aqui
Meu coração—como um monge
No claustro—bater por ti
Ao som da musica ao longe!...

MAYA CONDE.

MATINAL

A * * *

De manhã—quando a natureza ainda se espreguiça molemente ao som melodioso de harmonia que soltam os passarinhos saudando a nova aurora, eu ouço, longinquos, os ternos accordes de um violino santo, movido pelos dedos roseos de Phlancy,—ainda com os doirados cabellos

'num desalinho mysterioso a voltear-lhe por sobre o rosto carolino, quaes meigos colibris em torno a limpida camelia, procurando sugar-lhe o doce perfume.

E' Phlancy, que vem contar-me os bellos sonhos que lhe povoaram o somno virginal durante a noite, que acaba de morrer ao som melodioso da harmonia que soltam os passarinhos...

Alguma coisa de extranho então me invade a alma, affecta o amor que me inspira a candidez angelical do rosto de Phlancy, e eu penso ouvir as palavras de ternura que ella costuma dizer-me quando fallamos dos nossos amores... e adoro a como a um idolo!...

Muitas vezes, quando as notas desferidas pelo violino santo de Phlancy são mais agudas, eu escuto o fiel instrumento transmittir-me as doces palpitações do coraçãozinho d' *Ella*... e desejo ser o violino santo movido pelos dedos roxos de Phlancy, para estar sempre ao lado do seu coração, escutando-lhe as doces palpitações, de manhan, quando a natureza ainda se espreguiça molemente!...

JOÃO WANDERLEY.

DEVANEIO

(A***)

Se como Alexandre altivo
Eu fosse um grande guerreiro
Conquistando o mundo inteiro
Desde o norte ao sul, captivo,

A' teus pés despojos seus
Reverente t'os traria
E um doce olhar desses teus
Em recompensa teria;

Se eu tivesse a eloquencia
De Demosthenes antigo
A ti, meu anjo, te digo
Que com fervorosa ardencia

O meu amor tragaria;
Mas, tal não posso, porque
Nenhum dos dois (já se vê)
O meu coração seria;

Tal não sou: sou Prometheu
No Caucaso agrilhoado
E o abutre esfaimado
Devora o coração meu.

AL. DE STAGYRA.

O LICOR DA CIGANA

—Tenho philtros amorosos, que ningem conhece, volupias secretas, que desvairam os mais sensiveis. Os meus beijos embriagam como o opio, amortecem a carne subtilmente, lentamente, como os venenos traigoeiros.

Tenho amado muitos, e todos aquelles que me amam não me esquecem nunca.

Sou filha d'uma cigana, que lia a «buena dicha» aos namorados timidos. Minha mãe era d'uma extraordinaria belleza; mais de um principe a requestou,—eu mesmo nem sei si sou filha de rei ou de mendigo.

Ella tambem dava-se impudentemente ao primeiro, que lhe apparecia; tinha lethargias de amor insinuamente perfidas.

Seus braços de jaspe, esculpturaes, como talhados a cinzel, eram cadeias inquebrantaveis, e os olhos de fogo, tinham attracções, a que ninguem resistia abocca era pequena, perfumosa, humida, vermelha, como um botão de rosa, orvalhado.

Dizem que os seus beijos davam a embriaguez dos vinhos capitosos.

Um dia ella amou; o homem preferido, tambem da tribu era louro e bello como Apollo, mas inconstante como a briza.

Requestou—a, jurando-lhe a mais ardente paixão, em uma classica noute enluarada, occultos sob a ramagem copada de não sei que jardim.

Falavam baixo, medrosos como namorados; irresolutos como crianças. A voz delles confundia-se com a briza, que franjava o opalino azul do céu de nuvens ligeiramente prateadas.

—E's o primeiro homem que amo, disse-lhe minha mãe.

Elle sorrio enlevado, todo entregue aos encantos que vinham della, como perfumes evolados de uma flôr que se aspira.

E amaram-se.

Mas, como todos os homens, tempos depois elle atraigoou-a.

Minha mãe chorou em silencio a desgraça de seu sonho desfeito, e jurou viugar-se.

—Queres saber como ella se vingou? Matou-o em uma noite de volupia, com beijos envenenados.

Eis o segredo, que guardo e que me foi confiado na hora de sua morte.

Agora, diz-me, queres amar me?

E fitou-me de frente.

Era mulher esbelta, debil, delicada, bel-

leza notavel depois de estudados os contornos aprimorados do seu corpo franzino.

Passei-lhe a mão pela cintura flexivel, sob o jugo de uma fascinação indezível, e segredei-lhe ao ouvido uma loucura apaixonada.

Os olhos della flammejaram de subito, faiscantes como brazas, o seu corpo delicado tremeu repentinamente, como sob a pressão de uma força magnetica.

Eu estava em casa d'ella, onde fôra para consultar, pedindo-lhe que me desvendasse o futuro.

Conversavamos em uma sala completamente encarnada; da parede pendiam quadros bohemios, representando scenas extravagantes da vida cigana, uma grande mesa ao centro, forrada de preto, espalhadas sobre ella as fatidicas e infalliveis cartas, que adivinhavam o futuro.

N'um dos angulos da sala um divan forrado de sêda carmezim, em que se viam arabescos incompreensiveis de retroz preto:—era o «divan dos sonhos», assim denominado por ella.

Ao lado, uma pequena mesa com duas taças de ouro e uma garrafa de crystal, contendo o «licor da morte passageira».

Sentia-me aturdido ao lado d'aquella extranha mulher. Deixei-me conduzir ao «divan dos sonhos».

Dá-me a tua mão esquerda, disse.

Entreguei-lhe-a.

Após pequeno silencio, apenas interrompido pelo bater descompassado do meu coração, ella continuou:

—A tua historia é commum; um amor infeliz tortura-te a existencia. Não és amado, e no entanto darias a vida por um olhar d'essa a quem consagraste todos os sonhos da imaginação, todos os affectos de tua alma.

Eu tambem amei... e ria-se de mim, em-murcheceram desapiadadamente a flor das minhas illusões.

—E hoje? perguntei.

—O corpo sente, mas a alma não.

Vou curar-te; vaes beber a morte desse amor,—e pegando da garrafa encheu as taças de ouro com o liquido esverdeado que ella continha.

—A' morte do amor! exclamou, erguendo-se de chofre e esvasiando a taça de um só trago.

Imitei-a inconscientemente.

Depois ella chegou-se a mim, tomou-me as mãos, olhando-me demoradamente com os seus grandes olhos de fogo... uniram-

se as nossas bocca n'um beijo unico, profundo, abrazador!

Chumbaram-se-me as palpebras, ouvi vagamente uma voz que cantava com doçura e adormeci.

Foi um somno pesado e profundo como o da morte, povoado de sonhos sanguinolentos: ouvi gargalhadas de sarcasmo; vultos esqueléticos, envolvidos em mantos negros, ameaçavam matar-me com punhaes feitos de ossos, e no meio de uma multidão de caveiras, a minha amante bella, loura, idéal, a sorrir como uma martyr resignada!

Falei-lhe apaixonadamente e enquanto chorava, separado d'ella por aquella turba sinistra, que se revolvia inquieto como o mar—um esqueleto, que todos dominava pela sua descommunal estatura, rasgou-me o peito a punhaladas, da rir, a rir, a rir, mostrava-lhe o meu coração!

Acordei desvairado.

—Então? perguntou a cigana que estava a meu lado.

—Foi um sonho horrivel! balbuciei.

—Mas o teu amor! ?...

—O meu amor?... Morreu!

ALFREDO PEIXOTO.

ENIGMA

Não sou termo, signal, nem algarismo
Porem tenho valor na mathematica
Da rethorica entendo, e da gramatica
Inimigo eu sou sem laconismo

Eu no harem do Czar sou bom porteiro
Abi mesmo me fazem de cadeira
E a Hollanda vou ter, maldicta asneira,
Bem callado qual pallido brejeiro.

Faço parte da orchestra, mas não canto
Pertengo ainda a harpa sem ser corda
Sem ser frade visto habito entretanto

Pego hydra e p'ra que ella não me morda
Vou formar dois pilares n'um recanto
Onde uã trave no centro lbes aborda.

MAYA CONDE.

Só os homens muito apaixonados conseguem attingir a grandeza.—MIRABEAU.

A INSTRUÇÃO

A instrução é a base do progresso moral e intellectual.

A instrução é tão necessária ao aperfeiçoamento dos povos como um alicerce á edificação de um templo, como uma scintella á propagação de um incendio, como uma nota á composição de um hymno, como uma molecula á organização de um corpo, como uma idéa á confecção de um juizo : é o seu sangue, é o seu ar.

O ar queima-se no organismo desenvolvendo calor: a instrução diffunde-se no espirito produzindo luz.

O ar alimenta a materia, a instrução vivifica a intelligencia. Sem o ar não se vive, sem a instrução não se caminha.

O ar prepara o homem para a terra, a instrução prepara o homem para a sociedade.

Mas, para que a instrução produza os seus beneficos resultados, para que realises a sua louvavel aspiração, para que transforme o cerebro que pensa, a alma que divaga em alma que reflecte; a intelligencia que balbucia em intelligencia que fecunde, é mister o estímulo que vigora, a dedicação que fortalece, a actividade que produz athletas e a força de vontade que produz heróes.

E' preciso que o espirito absorva e digira, assimile e produza, adquira e propague, comprehenda e desenvolva, conceba e fecunde.

—A instrução é o germen de brilhantes empreendimentos, a fonte de prodigiosas maravilhas, a grande alavanca do progresso humano, o laboratorio privilegiado onde se dá a sublime transformação do homem machina no homem livre, do homem abysmo no homem luz.

A vida seria um cahos, si a razão não fosse um sol.

Deus seria um absurdo, se a consciencia não fosse uma verdade.

A dor seria um aniquilamento, se a esperanza não fosse um allivio.

A humanidade seria um monstro, se a instrução não fosse uma realidade.

Quanto mais profusa for a instrução de um paiz, mais nobre será a sua categoria, mais solida a sua civilização, mais desenvolvido o seu progresso, mais amplas as suas liberdades, mais elevadas as suas conquistas, mais completa a sua felicidade.

A instrução é o primeiro degráo do aperfeiçoamento.

O aperfeiçoamento é a primeira estrophe do poema da gloria.

A gloria o primeiro lampejo do sol da immortalidade.

Ser instruido é ser immortal.

Filhos do grande seculo, estudaes, esquecei o passado, aproveitaes o presente, e confiaes no porvir.

O passado pertence á sombra, o presente á historia, o futuro á mocidade.

M. SEGUNDO WANDERLEY.

O LUAR

(C * * *)

Tua alcova,—o luar, pallido, a medo,
Pelas frestas da porta entrando invade!
—Ai, se eu tambem pudesse como elle hade
Beijar as tuas pomas em segredo...

Elle vae, elle vae:—lubrico amante,—
S'espreguicar nas curvas do teu seio;
E tu sorris, sonhando n'este instante
—Sonho cheio de vida e de amor cheio.

Elle vae, elle vae—na marcha sua,
E, depois dos contornos teus beijar,
Beija-te o labio, até poder formar
Uma auréola, meu Deus, na fronte tua.

Mas depois, mas depois,—pallido, a medo,
—Como foge o cobarde criminoso —
Elle foge de ti, para em segredo
Ir beijar outra santa, venturoso !...

Ai, se como o luar, eu—louco, ardente,
Beijasse as tuas pomas virginaes,
Nossas almas então, donzella, iguaes
Prazeres—gozariam docemente!

Outubro de 1891.

FERNANDEZ SOLLER.

Não ha flôr de aroma delicado, como a
bocca pura e fresca de uma moça.—J. DE
ALENCAR.—

Um livro deve ser como um soldado :
ou morre na refrega, ou se retempêra nas
fragoas da peleja.—THOMAZ RIBEIRO.—

VERSOS TRISTES

(FRAGMENTOS)

Minha flôr.—ave canóra—
ai! quanta saudade, quanta
tristesa eu sinto agora
por não ver-te oh! minha santa!

Não imaginas, de certo,
o quanto me pesa a vida
quando não te vejo perto
dos meus olhares, querida;

Uma nuvem negra, densa,
envolve minh'alma, em fim...
cheia da saudade immensa
que se avulta dentro em mim...

Que fundo pesar, que fundo
gemido no peito escuto...
Parece que todo o mundo
anda coberto de lucto!

Sinto em mim um grande tédio,
um certo *spleen* invisível,
e me parece impossível
para elle achar remedio!...

Não vendo o olhar que me leva
ao céu do amor,—me parece
que a sombra espessa da treva
por sobre meus olhos desce;—

e como, que, um deluvio
de uma infinita tristesa
cobre toda a Natureza
—cheia de luz e de effluvio!...

Viver longe, assim distante
desse teu olhar, querida,
é viver a cada instante
perdendo um pouco da vida;

Pois se o teu olhar é um astro
—de um brilho que attrahe e affecta—
preso no céu de alabastro
dos meus sonhos de poeta.

Tactear na treva densa
da escuridade em que seismo,
é ter a alma suspensa
sobre o cairel de um abysmo!

O meu espirito vacilla
em meio da escuridão,
como um pedaço de argilla
preso á bocca de um vulcão!

Se o meu coração supporta
os espinhos da saudade,
que é como a esperança morta
nas trevas da iniquidade,

é porque sombrio e triste,
sem sonhos, sem primavera,
só sabe que vive e existe
porque a dor o dilacera.

De certo que este martyrio
que no meu peito perdura,
é mais negro do que um cirio
cobrindo uma sepultura.

Minha querida, é tanto
o meu pesar, minha magua,
que meus olhos vertem pranto
como um vaso cheio d'agua!

Eu que outr'ora fui tão forte,
vivo hoje, sem firmesa,
muito mais triste que a morte
que é mãe de toda a tristeza...

Não posso viver distante
de ti, formosa creança,
—imagem pura e constante
que não me sahe da lembrança.

Sei que a magua, a dor sem fim,
que me faz sombrio e mudo,
é tudo, querida, tudo
por não ver-te junto á mim;

Sei que o pranto amargurado,
—a saudade indefinida—
é por não ver-te, querida,
eternamente a meu lado.

.....
Não posso viver distante
de ti, formosa creança,
—imagem pura e constante
que não me sahe da lembrança...

7—10—91.

SABINO BAPTISTA.

Ⓞ instincto exclusivo do homem, o mais bello, o mais moral dos instinctos, é o amor da patria.—CHATEAUBRIAND.—

A RELIGIÃO

Um dos factores que mais tem influido no drama da vida é a religião.

Tão grosseira em sua origem, a religião, parece ter attingido a um certo grau de perfectibilidade devido ao grande progresso da civilização nos ultimos seculos da nossa era. A prova é, que os povos menos civilizados ainda professam a mais grosseira religião, como o brahmanismo, fetichismo, sabeismo, etc. O seu apparecimento na terra não parece ter sido de origem mui remota, como dizem, e sim, depois de um certo periodo em que os homens procuravam um meio de socialisarem-se.

Em um chaos de obscuridade, os homens olhavam para o firmamento bordado de estrellas, mas não sabiam como aquelles immensos globulosinhos se collocaram alli; viam uma enorme fogueira erguer-se no horizonte, mas não sabiam quem a accendeu; olhavam para o pequeno satellite da terra e julgavam que era aquelle immenso pharol que depois do seu occaso vinha observar o que se passava cá pela terra durante sua ausencia, d'elle; olhavam para a vastidão do occaso e julgavam confundir-se com a abobada azul do céu; finalmente elles miravam-se, mas não sabiam qual a origem destas machinas vivas que falavam, ouviam, sentiam, etc.

Diante de tantas maravilhas da natureza o homem conservava-se estupefacto, sem saber como nem porque veio ao mundo!

Era um problema de solução difficil. Então pensou o homem que este painel da natureza só podia porvir de um espirito engenhoso e de braço potentoso. Mas onde este espirito encontrou tanta materia?!

Sugeriu a idéa de *deus* e o homem tornou-se seu neophyto.

D'ahi para diante tudo se attribuia á um ente supremo que dominava a natureza e tudo se baseiava neste apostolado.

Um cataclysmo geologico, um metheoro que cahiu em Sodoma e Gomorra, um aerolitho que cahiu em Eusisheim, etc, etc, eram castigos da providencia contra os vicios da humanidade!

Appareceram, então, os doutrineiros da religião, cujo embryão se desenvolvia rapidamente nos corações dos povos barbaros.

O sacerdotalismo prevaleceu e creou-se a escola theocratica.

O fanatismo religioso dominava então os

povos e via-se um chefe improvisado á frente de uma multidão de homens transpor o Mar Vermelho em procura de uma região desconhecida.

Emquanto este chefe litographava o implicito codigo civil e religioso que havia de os guiar para o futuro, um bezerro de ouro forjado com as joias dos emigrantes o substituia durante sua ausencia, d'elle.

A sciencia já progredia, e os sabios da Grecia iam beber luzes na escola de Alexandria. Ptolomeu collocava, então, a terra no centro do universo. De varias regiões surgiram prophetas que vinham annunciar a vinda de um philosopho (o Messias) que havia de abrir as portas do horizonte da liberdade a custa do proprio sangue! Seus discipulos dispersavam-se pelo mundo e começaram a submeter os povos a doutrina de seu divino mestre, d'elles.

Um d'elles plantou na Italia a séde do papismo.

Da Arabia surgiu Mahomet, no anno de 570, da nossa éra. Mercador de profissão, mas de um espirito ardente e raciocinador, Mahomet soube formar a base do islamismo, fundindo em uma só todas as seitas professadas na peninsula arabica: christianismo, budhismo, sabeismo e magismo.

Em 1373 nasceu um reformador bohemio, João Hussinetz, theologo e successor de Wiclef, o qual pretendeu lançar a reforma religiosa na Europa, mas por causa do progresso que ia fazendo, foi condemnado á chammas de uma pyra e suas cinzas foram lançadas no Rheno!

No seculo XV appareceu uma nova seita, o Lutheranismo, mais filha da inveja e do interesse pecuniario do que dos sentimentos de piedade e philantropia.

Tendo o papa Leão X querido fazer algumas despesas com a egreja de S. Pedro, em Roma, encarregou os frades Dominicanos de pregarem concessões de indulgencias a todo aquelle que contribuisse com dinheiro para as referidas despesas.

Os frades da ordem de S. Agostinho eram tambem candidatos a este cargo; porém como não tiveram a preferencia, Staupitz, vigario geral dos Agostinhos na Allemanha encarregou a Lutero de atacar os Dominicanos por causa do privilegio que o papa lhes havia concedido de vender indulgencia e recolher o dinheiro,

De pregador de indulgencia passou as

proprias indulgencias e foi tal o seu excesso, delle, que o papa o excommungou.

Foi então que Luthero formou a seita protestante chamada Lutheranismo.

Finalmente do XVIII para o XIX seculo appareceram dous philosophos francezes que crearam uma escola toda baseada na observação fiel dos factos. Seus chefes foram Augusto Comte e Emilio Littré.

X. O.

AVANTE !

Simple tributs de cœur, ces dons sont chaque jour,
Offerts par l'amitié, hasardés par l'amour.

DELILLE

Segui ! Da gloria vos pertence a palma
Que dos louros virentes do porvir
Vos acena ao marchar !
Ide, guiado de sublime exemplo
Que o filho caro das eternas éras
Vae no azul tropeçar !

Vêde : vos fallo d'um altivo genio
Guerreiro illustre, glorioso heróe
Quer na terra ou no mar,
Desfez *cortando* o nó que promettia
N'Asia a gloria e o dominio. Assim, seguiu-o
Procurando imitar

Avante ! Avante sempre ! Vêde o Christo
Que na Judéa a semente gloriosa
Da egualdade plantou.
Lá no cimo do Golgotha expirando
—A victima da atroz intransigencia !—
O véo do Templo rasgou !

Grande, elevado seja vosso exforço ;
Na estrada do dever uma só linha
Não tenteis recuar,
Que a posteridade inteira o vosso nome
De glorias cheio repitirá, e a Historia
No azul o irá traçar !

M. QUEIROZ.

Ha postes indicadores e advertencias bastante legiveis, á entrada de todos os maos caminhos da vida ; tanto peor para os que não sabem ler.—CHERBULIER.—

A moral prohihe ceder ás tentações, mas entretanto não consola sempre aos que resistirão á ella.—CONDESSA DIAN —

Dous entes que se amão, obedecem á uma lei natural, á qual não podem esquivar-se.—LUDOVICUS.—

Um coração namorado que não pode consolar-se com o clarão da esperanza está prestes a despedaçar-se.—JULES BOURLABERT.—

Sala postal

Fomos visitados pelos seguintes collegas :

O Santelmo que se publica em Natal, Estado do Rio Grande do Norte.

Pequeno Jornal organo do Club Republicano da Boa-Vista, Recife, Estado de Pernambuco.

O Horisonte organo de publicação quinzenal que sae á luz da publicidade, em Aracajú, Estado de Sergipe.

Agradecemos a cada um a delicada visita e retribuirmos-a com o nosso modesto periodico.

A disciplina nunca é mais bello espectáculo do que nos naufragios.—JOAQUIM NABUCO.

O orgulho na mulher é o derradeiro defensor de sua honra.—E. PAILLERON.—

As sociedades secretas, excellentes para agitar, são incapazes para combater.—LAMARTINE.—

Aquillo que o espirito não ousa prever, os acontecimentos e os caracteres se encarregam de realizar.—O MESMO.

Uma mulher que ama deixa de ser curiosa.—J. J. WEIS.

Impresso na typographia do
Libertador.